

CONSIDERAÇÕES SOBRE ORDEM DE PALAVRAS, TÓPICO E O ‘EFEITO FOCO’ EM KOTIRIA

Kristine Stenzel¹

Kris.Stenzel@gmail.com

RESUMO: Este artigo investiga padrões de variação de ordem de constituintes em Kotiria (Wanano), língua Tukano Oriental do noroeste amazônico, demonstrando que a variação reflete funções gramaticais e pragmáticas que interagem nos níveis da sentença e do discurso. Em sentenças, o posicionamento do argumento Sujeito, junto a sua realização lexical ou pronominal, codifica distinções de estrutura de informação e *status* como informação presumida/não-presumida, sendo assim mecanismo de *reference-tracking*. Em contraste, o posicionamento mais rígido de Objetos imediatamente antes do verbo e padrões de Marcação Diferencial de Objetos (*Differential Object Marking-DOM*), indicam um elo OV forte, que contribui para a interpretação sintática do constituinte O. Considerando o nível do discurso, a ordem é investigado à luz das noções de tópico e foco, que contribuem tanto a *reference-tracking* quanto à organização de saliência ao longo de trechos de discurso. Em Kotiria, ordem e realização lexical/pronominal/nulo refletem uma distinção fundamental entre tópico de sentença e tópico de discurso. Por sua parte, foco é analisado não como categoria gramatical *per se*, mas como ‘efeito interpretativo’ que atribui saliência a um Sujeito, Objeto, evento Verbal ou qualquer elemento proeminente no discurso. Demonstra-se que a margem esquerda da oração em Kotiria é o *locus default* de foco, e que mudanças simples de ordem constituem mecanismo comum de manipulação de constituintes a esta posição. Kotiria também tem duas construções de foco mais marcado ‘enfático/contrastivo’ ou de ‘esclarecimento’. Tais construções envolvem interação complexa de meios parceiros, que inclui uso de marcadores morfológicos, elementos prosódicos e posicionamento às margens esquerda ou direita da oração.

Palavras-chave: Ordem de constituintes; Tópico; Construções de Foco; Línguas Tukano Oriental; Kotiria (Wanano)

1. INTRODUÇÃO

A variação entre ordens de palavra SOV e OVS é um traço notável do discurso natural em Kotiria (Wanano)², língua da família Tukano Oriental (TO) falada por cerca de

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Minha pesquisa com línguas da família Tukano Oriental recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Bolsista Estágio Senior, Processo no. 2346/14-1), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Processo no. 150012/2005-5), do Programa Hans Rausing de Documentação de Línguas Ameaçadas (HRELP/SOAS/Universidade de Londres, MDP-0155), da Fundação Nacional de Ciência, EUA (NSF No. 0211206) do Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (NSF/NEH, FA-52150-05). Agradeço também apoio financeiro e logístico dos Programas

1700³ pessoas que vivem em comunidades na região fronteira entre Brasil e Colômbia na bacia do rio Uaupés no noroeste amazônico. Este artigo discute esta variação, mostrando que a ordem de palavras exerce múltiplas funções em Kotiria. Enquanto no nível da sentença, a ordem contribui para a identificação dos papéis sintáticos de argumentos nominais, no nível do discurso, é mecanismo fundamental da organização da estrutura de informação, contribuindo também à construção de distinções de ‘tópico’ e ‘foco’.

O artigo se organiza da seguinte forma: a seção 2 oferece um pequeno perfil tipológico de Kotiria, apontando traços relevantes para a compreensão dos dados apresentados. A seção 3 discute a variação de ordem em Kotiria, começando com uma contextualização geral da questão de ‘ordem básica’ em línguas TO, em 3.1. A seção 3.2 resume observações sobre padrões de variação de posicionamento do argumento Sujeito, levando em consideração gêneros de discurso distintos e a natureza da realização de S (como elemento lexical, pronominal ou nulo). A seção 3.3 trata da função *gramatical* do ordenamento dos constituintes OV, enquanto o papel *pragmático* de ordenamento refletindo o *status* de S na estrutura de informação é discutido em 3.4. A seção 4 analisa interfaces entre ordem, estrutura de informação e distinções de tópico, estabelecendo o papel fundamental que ordem exerce na construção do ‘efeito foco’. Em 4.1 considera-se a manipulação da construção ‘simples’ de foco (relacionado à posição *default*) e, em 4.2, a manipulação de foco através de mecanismos mais ‘complexos’: construções de foco ‘enfático/contrastivo’ e de foco ‘esclarecedor’, que interagem com elementos prosódicos e morfológicos como o sufixo *-se’e*. A seção 5 traz observações finais e questões para consideração futura.

A análise apresentada se baseia em um corpus de dados primários que integra o Acervo Linguístico-Cultural do Povo Kotiria⁴. Os exemplos provêm de gravações de

de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ), bem como do Programa de Documentação de Culturas e Línguas Indígenas (PRODOCLIN/Museu do Índio/FUNAI, RJ).

² Também conhecida na literatura como Wanano, Uanano ou Guanano. Adoto o uso de Kotiria, nome pelo qual o povo se autodenomina e que significa ‘Povo d’água’, a pedido dos falantes e comunidades com os quais conduzo a minha pesquisa.

³ Dados demográficos sobre a população étnica Kotiria variam, dependendo das fontes consultadas no Brasil e na Colômbia. O território dos Kotiria abrange áreas nos dois países e a maior concentração da população (aproximadamente dois terços) vive em comunidades na Colômbia. Não temos informação específica sobre número de falantes, mas em comunidades tradicionais Kotiria, fala-se a língua no dia-a-dia, e há transmissão entre gerações. Para os Kotiria que vivem fora do território tradicional em comunidades ou contextos urbanos onde outras línguas são dominantes, é comum observar perda linguística dentro de poucas gerações.

⁴ Composto de cerca de 70 sessões, gravações multimídia de fala natural representando gêneros, assuntos e falantes diversos, além de listas de palavras e materiais escritos. O acervo documental está disponibilizado no

‘agora’ em (3)⁶. Quanto aos SNs em papel de S, estes não levam marcador de caso em línguas TO, mas são indexados nos marcadores flexionais do verbo finito. Na maioria das línguas TO, os paradigmas de flexão finita distinguem traços de pessoa (3^a vs. não-3^a), número (SG/PL) e gênero biológico (MASC/FEM animado). No entanto, no desenvolvimento diacrônico do sub-ramo formado pelas línguas Kotiria e Wa’ikhana (também conhecido como Piratapuyo), houve neutralização completa dos valores de número e gênero nos marcadores flexionais verbais e uma mudança paradigmática para uma distinção 1^a/não-1^a, realizada explicitamente apenas nos sufixos que marcam afirmações *realis* e de informação VISUAL⁷, como vemos nas palavras verbais finais em (1) a (3).

- (1) *yʉ'ʉ Mo mahkariropʉ hiha.*
 [yʉ'ʉ]_s ~bó ~baká-ri-ro-pʉ [hí-ha]_v
 1SG Mõ origem-NOM-SG-LOC COP-VIS.IMPERF.1
 ‘Eu sou morador de Mõ (lit: pessoa-de-origem-Mõ).’⁸ [1.2]
- (2) *mʉ'ʉ sãre ma'ñore.*
 [~bʉ'ʉ]_s [~sá-re]_o [~ba'yó-re]_v
 2SG 1PL.EXC-OBJ mentir-VIS.PERF.2/3
 ‘Você mentiu para nós.’ [4.52]
- (3) *yʉ'ʉ ði kũ khiti ya'usinitai niha.*
 [yʉ'ʉ]_s ~ó-i [~kũ khiti]_o [ya'ú-~sidi=ta-i]_{v.NOM} ~dí-ha]_{v.aux}
 1SG DEIC.PROX- um história contar-fazer.agora =REF- PROG-
 LOC (1/2)MASC VIS.IMPERF.1
 ‘Eu agora vou contar uma história.’ [7.2]

Outra observação relevante sobre as três frases acima — nas quais todos os argumentos são fonologicamente realizados — é a constatação de ordens SV na intransitiva (1) e SOV nas transitivas (2) e (3). Guardamos esta observação como pano de fundo, pois a questão de ordem básica de constituintes será retomada na seção seguinte e

⁶ Parabenizo os leitores atentos que reparem a *não*-marcação do objeto direto em (3) e os convido a averiguar a discussão da marcação *diferencial* de objetos na seção 3.3.

⁷ Línguas TO são conhecidas por terem sistemas complexos de marcação de evidência obrigatória. Para uma descrição mais detalhada do sistema Kotiria, ver Stenzel (2006; 2008b).

⁸ A primeira linha do exemplo interlinear representa a frase na forma ortográfica utilizada pelos Kotiria. Nasalização e glotalização operam como suprasegmentos, representados na segunda linha (de segmentação morfológica), seguindo as convenções adotados na literatura sobre línguas TO, por ‘~’ antes do morfema inerentemente nasal, e por ‘ ’ no morfema glotalizado. Tom é um terceiro suprasegmento, também representado na linha morfológica: tom Alto sendo marcado com acento agudo e tom Baixo não-marcado. Clíticos sempre têm tom Baixo e são indicados por =. O código entre colchetes ao final da quarta linha (de tradução livre) indica a linha de texto do anexo de (Stenzel 2013). Os significados das abreviaturas utilizadas na terceira linha (de glosa) constam no final do artigo.

revisitada ao longo deste artigo. Veremos que tanto frases com elementos nulos quanto frases com ordens alternativas aos padrões SV/SOV também são frequentes.

Finalmente, pedimos aos leitores que reparem as formas pronominais usadas em (1) a (3), *yh'u* e *mu'u*, respectivamente ‘primeira’ e ‘segunda pessoa singular’, e que as comparem com as formas *tiro* e *tikoro*, empregadas como formas pronominais para referência ‘terceira pessoa singular masculino/feminino’ na sequência de frases em (4). Devemos notar que *yh'u* e *mu'u* são formas com função exclusiva de referência pronominal. As formas de terceira pessoa, por sua vez, são compostas da partícula anafórica *ti* e sufixos que indicam número e gênero do referente (*-ko* ‘FEM’ sendo o valor marcado de gênero e ‘MASC’ o valor *default*, não marcado explicitamente). Tais formas derivadas — literalmente ‘aquele ser masculino/feminino’ — também funcionam como modificadores de nomes lexicais em SNs compostos (do tipo DET-N) para introduzir ou reintroduzir um participante específico no discurso. Uma vez introduzido através de um SN composto, basta o uso da forma DET, agora com função ‘pronominal’, para manter clara a referência. Assim, em (4b), é evidente que *tiro* tem como referente o SN *tiro wãhtiro* ‘aquele/o diabinho’ introduzido em (4a), e que *tikoro* em (4c) tem como referente *ti phukoro* ‘a mãe deles’, identificada em (4b).

(4) a. *tiro wãhtiro sũ'ariro hia.*

tí-ró ~watí-ró ~su'á-ri-ro hí-a
 ANAF-SG diabinho-SG grudar-NOM-SG COP-ASSERT.PERF
 ‘Aquele diabinho/ser malévolo era todo grudento.’

b. *tiro ti phukoropure wi'i sũ'aga.*

tí-ró tí=phuk-ó-ró-pú-ré wi'í ~su'á-a
 ANAF-SG 3PL.POSS=genitor-FEM-SG-LOC-OBJ chegar grudar-ASSERT.PERF
 ‘Ele chegou e grudou na mãe deles.’

c. *tikorore kũ sũ'suroseta yoamua.*

tí-kó-ró-ré ~kũ su'sú-ro-se=ta yoá~bu-a
 ANAF-FEM-SG-OBJ um abraçar-SG-ser.como=REF fazer-correr-ASSERT.PERF
 ‘Rapidinho, como se a estivesse abraçando.’ [4.30-32]

3. VARIAÇÃO DE ORDEM EM KOTIRIA

3.1. SOBRE ORDEM ‘BÁSICA’ EM LÍNGUAS TUKANO ORIENTAL

As primeiras apresentações descritivas da família Tukano (e.g. Barnes 1999) apontam a ordem básica típica como sendo SOV/SV. Já perfis e estudos mais recentes (como Barnes 2006; Stenzel 2008a; Gomez-Imbert 2011) reconhecem que a variação no posicionamento do sujeito é frequente em muitas línguas Tukano e apontam a relação bem mais estável dos constituintes OV como a característica de ordem mais significativa (retomaremos este ponto na seção 2.3). De fato, os principais correlatos estruturais previstos na literatura tipológica para línguas OV (cf. Dryer 2007, 2013) são plenamente encontrados em línguas Tukano. Além de correlatos como a ausência de artigos, podemos observar nas frases acima as ordens MODIFICADOR-NÚCLEO no sintagma nominal *kũ khiti* ‘uma história’ (3), a ordem POSSUIDOR-POSSUÍDO em *ti phukoro* ‘mãe deles’ (4b), e a ordem V-AUX na construção progressiva em (3), além da clara preferência geral para afixação à margem direita da palavra (sufixação), todos traços característicos de línguas OV.

Apesar da notável frequência de ordem SOV, em um subconjunto das línguas do ramo Oriental da família a ordem OVS é considerada como básica ou, no mínimo, uma variante muito comum (Gomez-Imbert 1997; Gomez-Imbert & Hugh-Jones 2000; Ferguson, et al. 2000), e estudos diacrônicos recentes postulam OVS como ordem básica também na protolíngua (Michael & Chacon 2015)⁹. No mais, outro conjunto de línguas TO exhibe variação no posicionamento do sujeito do tipo observado e discutido neste artigo; portanto, é possível que os *insights* desta discussão dos padrões e funções de variação sincrônica em Kotiria sejam também aplicáveis a padrões similares encontrados em línguas-irmãs da família.

3.2. VARIAÇÃO SOV~OVS EM DOIS TIPOS DE DISCURSO KOTIRIA

Este estudo iniciou-se com uma análise de dados dos gêneros ‘narrativa’ (sete narrativas ao todo, que integram o anexo de Stenzel 2013: 380-456) e ‘interação/conversação’ (duas, que integram o acervo de dados documentais de Kotiria). Foram identificadas um total de 402 orações finitas, classificadas em transitivas/intransitiva, das quais 175 continham argumentos nominais explícitos. Estes

⁹ Por restrições de espaço, não podemos enveredar na discussão sobre ordem básica OVS na protolíngua e possíveis caminhos e motivações de mudança diacrônica. Devemos apenas notar que a ocorrência de ordem básica OVS foi primeiro atestada em Hixkaryana (Derbyshire 1981, 1985, outros) e outras línguas da família Carib, e que pesquisas realizadas nas últimas décadas apontam OVS como ordem básica ou variante frequente em línguas pertencentes aos troncos Tupi e Macro-Jê, e às famílias Aruák, Arawá, e Tukano, além de pelo menos duas línguas isoladas (Campbell 2012; Dryer 2013). Trata-se, portanto, de traço areal não *tão* ‘exótico’ dentro do contexto amazônico.

argumentos nominais foram ainda classificados de acordo com o tipo de realização (lexical ou pronominal) e foi observada sua distribuição em posição inicial de oração (margem esquerda, pré-verbal) ou em posição de final de oração (margem direita, pós-verbal). Os casos de argumentos nulos também foram contabilizados e outros casos anotados. Os resultados deste apanhado inicial são resumidos na tabela abaixo.

	A S em posição inicial S(O)V			B S em posição final (O)VS			C S nulo
	intrans.	trans.	% do total	intrans.	trans.	% do total	% do total
Narrativa 296 orações; 100 com ARGs S/O realizados	51 /100	40 /100	31%	5 /100	4 /100	3%	63%
Interação/conversa 106 orações; 75 com ARGs S/O realizados	41 /75	8 /75	44%	16 /75	7 /75	22%	31%
Tipo de S	lexical = pronominal			pronominal			obs. ¹⁰

Tabela 1. Posicionamento e tipos de argumentos Sujeito em narrativas e interações

Antes de comentar as contagens específicas das colunas A e B, chamamos atenção à coluna da extrema esquerda, na qual vemos que argumentos são explicitamente presentes muito mais frequentemente em dados interacionais ($\pm 3/4$ das orações) do que em narrativas ($\pm 1/3$ das orações). Já comparando as contagens de Ss explícitos nas colunas A (em que S ocorre em posição inicial) e B (em que S ocorre em posição final), observamos uma preferência clara de ordem S(O)V (31% em narrativas, 44% em interações) sobre (O)VS (apenas 3% em narrativas e 22% em dados interacionais). No entanto, também vemos uma proporção maior de Ss em posição final em interações (22%), comparado a apenas 3% de Ss em posição final em narrativas. Já a coluna C mostra a frequência notavelmente alta de Ss nulos em ambos os gêneros de discurso, com incidência maior (o dobro) em narrativas do que em dados interacionais.

Deixando uma discussão mais aprofundada para outra oportunidade, propomos que os contrastes mais notáveis — tanto o uso mais frequente de argumentos explícitos em interações, quanto o emprego maior de pronomes em posição final no mesmo gênero de discurso — possam ser atribuídos a diferenças de dinâmica que caracterizam os dois

¹⁰ A soma das porcentagens não chega a 100% porque aproximadamente 3% das orações foram casos de S ocorrendo duas vezes, ‘envelopando’ a oração, primeiro em posição inicial (de forma lexical) e de novo em posição final (de forma pronominal). Tais frases serão objeto de análise futura.

gêneros discursivos. Em narrativas, a exposição e o fluxo de referência são controlados por um único falante, que tem à sua disposição todos os recursos que a língua oferece, podendo utilizá-los da forma mais econômica e efetiva. Por sua vez, em conversas e outras situações interacionais envolvendo mais de um falante, o fluxo de referências emerge de forma menos contínua, como produto da interação e negociação entre os participantes, impondo uma necessidade por maior número de referências explícitas. Embora privilegiemos exemplos de narrativas (por facilidade de apresentação), frisamos a importância de se levar em consideração dados de gêneros distintos quando se trata de investigar fenômenos do nível do discurso.

A linha final da tabela 1 resume as observações sobre o tipo de realização do argumento S, lexical ou pronominal, nas duas posições, mostrando que em ambos os gêneros de discurso, Ss lexicais e pronominais ocorrem em números iguais em posição inicial; enquanto em posição final, Ss do tipo pronominal predominam. As distribuições apontadas na tabela 1, principalmente a alta incidência de Ss nulos e a predominância de Ss finais pronominais, sugerem que ordem não é fator determinante no reconhecimento do papel sintático do argumento S, e sim, reflexo do *status* relativo do participante S enquanto informação ‘nova/não-presumida’ ou ‘conhecida/presumida’ no discurso. Sendo assim, trabalharemos com a hipótese de que ordem — no que diz respeito ao argumento S — funciona como mecanismo de organização de estrutura de informação e *reference-tracking* no discurso. Demonstraremos evidência de apoio a esta interpretação na seção 3.4.

3.3. A FUNÇÃO GRAMATICAL DE ORDEM: ORDEM OV E MARCAÇÃO ‘DIFERENCIAL’ DE OBJETOS (DOM)

Se por um lado observamos a flexibilidade de posicionamento do argumento S e a alta incidência de Ss nulos, a situação é diferente quando analisamos os argumentos O de sentenças transitivas. Notamos não só muito mais rigidez no posicionamento do argumento O com relação ao verbo, como também o fenômeno de marcação *diferencial* destes argumentos pelo morfema de caso ‘objetivo’ *-re*¹¹. Podemos resumir aqui os fatos

¹¹ Este mesmo sufixo marca obrigatoriamente objetos ‘indiretos’ (argumentos com papéis semânticos de ‘beneficiário’ ou ‘receptor’ de verbos ditransitivos), e ocorre com frequência em adjuntos temporais e locativos. Portanto, *-re* não deve ser interpretado como simples marcador de caso ‘acusativo’ ou de caso genérico ‘não-sujeito’ (e.g. Aikhenvald (2010), que ainda afirma que todo constituinte marcado por *-re* tem status topical, conclusão que difere da nossa). Argumentamos por uma análise do marcador com semântica que abrange noções sintáticas e pragmáticas, adotando a glosa OBJ de ‘caso objetivo’ seguindo Zuñiga (2007).

relevantes (tratados em maior detalhe em Stenzel 2008a, 2013 e 2014), voltando a observar os objetos nas sentenças transitivas (3) e (4b), repetidos abaixo como (5a-b). Vemos que ambas as sentenças têm ordem SOV, mas em (5a), o objeto *kũ khiti* ‘uma história’ (indefinido e inanimado) não é marcado pelo sufixo *-re*, enquanto o objeto em (5b) *ti phukoro* ‘mãe deles’ (definido e animado) leva o sufixo. Como explicar esta aparente ‘opcionalidade’ na marcação do objeto sintático de um verbo transitivo?

(5) a. *yũ'ũ ði kũ khiti ya'usinitai niha.*

<i>yũ'ũ</i>	<i>~ó-i</i>	<i>~kũ khiti</i>	<i>ya'ú-~sidi=ta-i</i>	<i>~dí-ha</i>
1SG	DEIC.PROX-LOC	um história	contar-fazer.agora =REF-(1/2)MASC	PROG-VIS.IMPERF.1

‘Eu aqui/agora vou contar uma história.’ [7.2]

b. *tiro ti phukoropure wi'i sũ'aga.*

<i>tí-ró</i>	<i>ti=phuk-ó-ró-pũ-ré</i>	<i>wi'í</i>	<i>~sũ'á-a</i>
ANAF-SG	3PL.POSS=genitor-FEM-SG-LOC-OBJ	chegar	grudar-ASSERT.PERF

‘Ele (o diabinho) chegou e grudou na mãe deles.’ [4.31]

Em Kotiria, a marcação ou não de um objeto pelo sufixo *-re* depende de distinções de *referencialidade*, sendo esta baseada em escalas hierárquicas de definitude e animacidade — noções fundamentais na maioria de sistemas DOM (ver Comrie 1989 e Bossong 1991). De modo geral, objetos sintáticos cujos referentes são mais altos nestas hierarquias — os que podem ser ‘individualizados’ e portanto ‘referenciais’, incluindo nomes próprios, pronomes, animados humanos, animados não-humanos e inanimados definidos contáveis — são candidatos à marcação com *-re*. Já nomes genéricos (animados ou inanimados), indefinidos ou incontáveis geralmente não são marcados. Assim, além de marcação morfológica de caso, a existência de objetos não-marcados (sempre em posição imediatamente pré-verbal) nos indica que a ordem da unidade OV também exerce papel na interpretação sintática de Os. De fato, em Kotiria, qualquer constituinte nominal que ocupa a posição imediatamente pré-verbal em uma oração transitiva é interpretado como o objeto direto do verbo, seja este nominal morfológicamente marcado ou não pelo sufixo *-re*. No mais, a posição imediatamente pré-verbal é a *única* em que um objeto pode ocorrer *sem* ser morfológicamente marcado; em qualquer outra posição linear da frase, um objeto sempre leva o sufixo *-re*. Tanto os padrões de marcação diferencial quanto o elo sintático da unidade OV indicam que ordem tem uma função mais *gramatical* quando se trata da interpretação do argumento O, em contraste à função mais *pragmática* do posicionamento (variável) de S, como discutida acima.

3.4. ORDEM COMO REFLEXO DE ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

Podemos verificar várias das observações feitas em 3.2 e 3.3 em sequências de frases encontrados nos dados, e que podemos considerar como ‘progressões’ típicas em narrativas. Ao longo da sequência de frases em (6), por exemplo, veremos tanto mudanças no *posicionamento* de S (variação progressiva de SOV → OVS), quanto mudanças no *tipo de realização* de S ($S_{\text{LEX}} \rightarrow S_{\text{PRO}} \rightarrow S_{\emptyset}$). Tais mudanças progressivas evidenciam nossa hipótese de que posição e tipo de S são reflexos do *status discursivo* de informação ‘nova’ ou ‘não-presumida’ em contraste à informação ‘conhecida’ ou ‘presumida’.

A primeira frase da sequência em (6), que inicia uma narrativa, tem ordem SV e introduz o contexto geral da história bem como os protagonistas principais, identificados pelos SNs lexicais *kũiro mũno* ‘um homem’ e *to pho’na* ‘filhos dele’.

- (6) a. *kũta hia, kũiro mũno to pho’na me’re wa’ikina ko’taro wa’aa mahkarokapũ.*
~kũ=ta hí-a ~kũ-író ~bũ-ro to=~pho’dá=~be’re
um=REF COP-SG um-NOM.SG homem-SG 3SG.POSS=filhos=COM
- wa’i-~kídá ko’tá-ro wa’á-a ~baká-róká-pũ*
animal-PL esperar-(3)SG ir-ASSERT.PERF origem-DIST-LOC
‘Uma vez, um homem foi com os filhos caçar na floresta. (*wa’ikina ko’taro*=lit: esperar por animais; ‘caçar’)’

Em seguida, inicia-se o primeiro episódio da narrativa, no qual os cachorros do caçador figuram como protagonistas em primeiro plano. A oração matriz (transitiva) da primeira frase do episódio (6b) tem ordem SOV, com S lexical definido *to dieya* ‘seus cachorros’ e O lexical *wa’ikiro* ‘animal’ não-referencial (e portanto não-marcado por *-re*, apesar de ter referente animado) em posição imediatamente antes do verbo.

- b. *yoaro ko’tawa’aka’aa yoachũ, to dieya wa’ikiro bokaa.*
yoá-ró ko’tá-wa’a-ka’a-a yoá-chũ
longe-SG esperar-ir-em.mov-(3)PL fazer-SW.REF

to= dié-yá *wa’i-kíró* *boká-a*
3SG.POSS=cachorro-PL animal-SG achar-ASSERT.PERF
‘Enquanto (o homem com os filhos) ia cada vez mais longe, seus cachorros encontraram um animal.’

Na continuidade, é feita referência ao mesmo S ‘cachorros’, que agora configura como informação conhecida, através da forma pronominal *tina* ‘3PL’ (lit: ‘aqueles animados’), que é deslocada à margem direita (posição pós-verbal). Esta posição da frase se caracteriza por ser de saliência prosódica reduzida. No caso de deslocamento de pronomes a esta posição, não ocorre nenhuma pausa entre o verbo e o pronome e este ainda sofre um processo de *downstep* tonal (o tom alto da primeira sílaba é abaixado) e se torna essencialmente um clítico à frase fonológica que tem o verbo como elemento limítrofe. O objeto ‘animal’, não referencial (porém conhecido pela menção na frase anterior), se torna elemento nulo.

c. *nɯnɯwa'aka'a tina.*
 ~*dudú-wa'a-ka'a-tí--da*
 seguir-ir-em.mov ANAF-PL
 ‘Eles foram atrás (do animal).’

Na frase seguinte, ainda ocupando a posição pós-verbal (de saliência prosódica fragilizada), a forma pronominal do S conhecido sofre mais redução fonológica, perdendo sua segunda sílaba (6d), até que na frase final da sequência (6e), o S conhecido se torna argumento nulo.

d. *yoaro ñusemahari, sihtotaa ti(na).*
yoá-ró ~yú-sé--báhá-rí sitó-ta-a tí(--da)
 longe-SG ver-ser.assim-MOV.acima/abaixo-NOM MOV.circular-vir-ASSERT.PERF ANAF-PL
 ‘Lá longe, eles (os cachorros) olhavam assim, para todos os lados.’

e. *yoaripa nɯnɯsihtotaa.*
yoá-rí-pá ~dudú-sito-ta-a
 longe-NOM-CLS:tempo seguir-MOV.circular-vir-ASSERT.PERF
 ‘Corriam para lá e para cá por um tempo.’ [6.3-6]

Os padrões observados em (6) se repetem com frequência em outras sequências encontradas nos dados, como podemos ver em (7) — da qual (4) acima foi retirado — aqui comentada frase-a-frase. Paralelo ao que vimos em (6), em (7) constatamos o posicionamento inicial do S enquanto este representa informação nova/não-presumida. Observamos também mudanças progressivas na realização deste S: $S_{LEX} \rightarrow S_{PRO} \rightarrow S_{\emptyset}$, que refletem uma trajetória de mudança de *status* de informação nova/não-presumida a informação conhecida/presumida.

As duas primeiras frases da sequência em (7) têm ordem SV, com o protagonista S introduzido em (7a) como referente novo através do termo genérico indefinido *ñariro* ‘um ser malévolo/diabinho’. Em (7b), este S ganha *status* de referente específico e definido pelo

SN lexical composto *tiro wãhtiro* ‘aquele diabinho’ e a modificação adjetival (uma nominalização) que o descreve como ‘ser todo grudento’.

(7) a. *ñariro hia.*

~yá-ri-ro *hí-a*
 ser.ruim-NOM-SG COP-ASSERT.PERF
 ‘Era um ser malévolo.’

b. *tiro wãhtiro sũ’ariro hia.*

tí-ró **~wati-ró** **~su’á-ri-ro** *hí-a*
 ANAF-SG diabinho-SG grudar-NOM-SG COP-ASSERT.PERF
 ‘Aquele diabinho era todo grudento.’

O mesmo S continua em posição inicial na próxima frase, mas já em forma pronominal *tiro* e, na posição imediatamente pré-verbal, encontramos um O referencial (já conhecido na narrativa e devidamente marcada pelo sufixo *-re*) reintroduzido pelo SN lexical *ti phukoro* ‘mãe deles’.

c. *tiro ti phukoropure wi’i sũ’aga.*

tí-ró **ti=phuk-ó-ró-pú-ré** *wi’i* **~su’á-a**
 ANAF-SG 3PL.POSS=genitor-FEM-SG-LOC-OBJ chegar grudar-ASSERT.PERF
 ‘Ele chegou e grudou na mãe deles.’

Finalmente, a sequência é fechada com duas frases em que o S (já presumido) é elemento nulo, e o O conhecido ocorre como forma pronominal.

d. *tikorore kũ sũ’suroseta yoamua.*

tí-kó-ró-ré **~kũ su’sú-ro-se=ta** *yoá-~bu-a*
 ANAF-FEM-SG-OBJ um abraçar-SG-ser.como=REF fazer-correr-ASSERT.PERF
 ‘Rapadinho, como se a estivesse abraçando.’

e. *tikorore sũ’aawa’aga.*

tí-kó-ró-ré **~su’á=wa’a-a**
 ANAF-FEM-SG-OBJ grudar=ir-ASSERT.PERF
 ‘(Ele) grudou nela.’ [4.29-33]

Sequências como estas, comuns em narrativas, ilustram as observações gerais trazidas ao longo da seção 2. Passamos agora a considerar o papel da ordem relacionado a outras noções de estrutura de informação: ‘tópico’ e ‘foco’.

4. ORDEM, TÓPICOS E O ‘EFEITO FOCO’

Dado as várias abordagens e a extensa (e por vezes confusa) literatura sobre tópico e foco, começamos esta seção com uma pequena discussão sobre definições e distinções importantes. Nas seções anteriores, a nossa atenção voltou-se à noção de estrutura de informação operando o ‘empacotamento’ de distinções no nível de sentenças, nos termos de Lambrecht (1994: 5), utilizando as expressões formais “lexicogramaticais” disponíveis na língua. Nesta seção, ampliamos a discussão sobre estrutura de informação para incluir noções de tópico e foco. Assumimos que são noções relacionadas, porém distintas entre si, e que complementam e interagem com manobras de empacotamento no nível da sentença, refletindo a inserção das sentenças em esferas discursivas maiores. Entendemos distinções de tópico como contribuintes para a agilização da organização e da identificação de referentes (*reference-tracking*), junto a meios como ordem linear e tipo de realização de argumento (como vimos na seção 3); enquanto o foco contribui à organização do discurso em termos de graus de saliência conferidos a constituintes diferentes. É também crucial frisar que nossa abordagem presume distinções de estrutura de informação produzidas por uma rede de meios ‘parceiros’.

Adotando a postura de Matic & Wedgwood (2013), trataremos foco não como uma categoria gramatical ou estrutural *per se*, mas como um *efeito* pragmático interpretativo que serve essencialmente para conferir proeminência a constituintes e auxiliar a ‘identificação daquilo que é importante no discurso’. Segundo os autores (2013:132):

For our purposes [...] there is no substantial difference between an explicitly grammatical category – even a core syntactic feature – and an interpretive category that gets ‘linguistically realised’, or one that is taken to be definitive of a class of structures.

A vantagem desta postura, a nosso ver, reside na promoção de um olhar mais amplo e holístico, que nos encoraja a desvendar o *conjunto* de recursos diversos envolvidos, que podem incluir estruturas ou construções específicas (envolvendo ou não deslocamento), padrões prosódicos e marcadores morfológicos¹².

Em Kotiria, o rol de parceiros envolvidos inclui mecanismos como i) fenômenos

¹² Tais mecanismos sendo as bases da ‘tipologia de realização de foco’ proposto por Büring (2010).

de ordem (simples e complexo, tratados a seguir); ii) recursos morfológicos como o sufixo de ‘contraste’ bem como afixos dos sistemas de marcação diferencial de objetos (DOM) e de *switch-reference*; além de iii) construções de ‘encadeamento’ (*linking constructions*) — dos tipos *tail-head* (encadeamento entre frases) e *summary-head* (encadeamento entre parágrafos) — que funcionam para promover coesão entre tópicos hierarquizados em trechos longos de discurso (ver Longacre 1983; Thompson, Longacre & Hwang 2007; Stenzel no prelo). Por motivos de espaço, neste artigo a atenção se volta acima de tudo aos recursos envolvendo ‘ordem’, que talvez possam ser considerados como ‘parceiros-chefe’.

Entendemos que o efeito foco tende a conferir saliência ao elemento da frase que representa informação não-presumida — às vezes chamado de ‘*rheme*’ — frequentemente (porém não necessariamente) informação nova ou informação do tipo que constituiria a resposta a uma pergunta específica com elemento interrogativo ‘QU’¹³. Já com relação à noção de tópico, para o presente estudo é importante estabelecer (nos moldes de Camacho, Gutierrez-Bravo & Sánchez 2010: 2-3) uma distinção entre ‘tópico de frase’ (*sentential topic*) e ‘tópico de discurso’ (*discourse topic*). O ‘tópico de frase’ é o constituinte sintático que representa o cerne da proposição (*what the sentence is ‘about’*) — às vezes rotulado de ‘*theme*’ — que translinguisticamente ocorre com mais frequência à margem esquerda da oração. Já o ‘tópico de discurso’ é uma entidade já estabelecida no discurso que funciona como ‘tópico-elo’, contínuo e compartilhado em uma sequência de orações. Tópicos de discurso representam informação conhecida ou presumida e são frequentemente realizados como elementos pronominais, flexionais ou nulos.

Há dois pontos adicionais importantes a ressaltar. O primeiro é que as noções de tópico e foco são distintas, porém relacionados e não mutuamente exclusivas. Há frases em que tópico e foco coincidem, se encontrando e se sobrepondo a um mesmo constituinte. O segundo ponto é que tanto tópico quanto foco podem motivar deslocamento de constituintes às margens esquerda ou direita da oração, processos que investigaremos a seguir.

4.1. OBSERVANDO A MARGEM ESQUERDA: A MANIPULAÇÃO DE FOCO NA POSIÇÃO DEFAULT

¹³ Ou seja, perguntas que elicitam respostas específicas empregando palavras como ‘quem, qual etc.’ De fato, o contexto ‘perguntas-respostas’ envolvendo elementos QU tem sido considerado especialmente propício para o estudo de foco, e a elicitación de tais pares um recurso heurístico frequentemente adotado. Para discussão e ressalvas críticas, porém, ver Matic & Wedgwood (2013).

Basta voltarmos a dados de sequências já vistas para constatar que, em Kotiria, a margem esquerda da oração (posição inicial) constitui um local *default* de foco. Esta posição reúne informação com *status* não- ou menos presumida, normalmente na figura de um argumento S realizado em forma lexical ou pronominal, que é também um tópico de sentença. Se este S também configura um novo tópico de discurso, seu deslocamento à margem direita ou realização nula logo na sequência será previsível.

A margem direita (pós-verbal), por sua vez, é o local de informação com *status* presumida, prototipicamente um tópico de discurso realizado em forma pronominal (quando não é elemento nulo). O deslocamento de um tópico de discurso para a margem direita (ou sua realização como elemento nulo) funciona como mecanismo simples de transferência de foco, pois ao ser reposicionado, o S deixa vaga a posição *default* de foco para ser ocupado por outro constituinte; uma operação de mudança de foco automática e eficiente. Em uma frase transitiva, pela primazia da unidade OV, o próximo candidato à ocupar a posição de foco *default* é o argumento O. Este é o caso tanto da ‘mãe’ (em forma pronominal), promovida à posição de foco *default* na sequência (7d-e) acima, e do ‘cachorro’ em (8b) abaixo, quando o tópico de discurso ‘a cobra’ se torna constituinte nulo. É possível que em português, uma estrutura de passiva refletiria melhor o sentido da sentença em (8b): ‘O pobre cachorro estava sendo engolido (pela cobra)’. Na frase em Kotiria, no entanto, não há estrutura de passiva: confere-se saliência à vítima através da realização nula do S ‘cobra’, deixando o O ‘cachorro’ na posição de foco *default*.

(8) a. *topɸ phinonowɸ'rɸ tiro dierokãre ña'akhoãa.*
tó-pɸ ~phidó-ró-wú'rú tí-ró dié-ró--ká-ré ~ya'á--khoa-a
 REM-LOC cobra-SG-AUMEN ANAF-SG cachorro-SG-DIM-OBJ pegar-deitar-ASSERT.PERF
 ‘Lá, uma cobra enorme pegou (enrolado, deitado) o cachorrinho.’

b. *dierore chuburoropɸ nia.*
dié-ró-ré chú-búró-ró-pú ~dí-a
 cachorro-SG-OBJ comer-descer-(3)SG-EMPAT PROG-ASSERT.PERF
 ‘(A cobra) estava engolindo (o pobre cachorro).’ [6.16-17]

Outras sequências, como (6), parcialmente repetida como (9), demonstram que o reposicionamento de um tópico de sentença que se transforma em tópico de discurso (ou sua realização nula) nem sempre cede posição de foco *default* a um O. Na oração matriz em (9a), os cachorros, o argumento S (informação não-presumida, realizada por SN lexical) também se constitui um tópico de sentença. Se revela tópico de discurso ao ser

deslocado em forma pronominal à margem direita da frase seguinte (e gradualmente diminuído até ter realização nula no final da sequência). Reparámos em (9b) que seu deslocamento, junto à realização nula do O não-referencial, cede a posição de foco *default* ao constituinte verbal, os cachorros ‘indo atrás (do animal)’. São os eventos verbais que ocupam a posição de foco *default* até o final da sequência.

- (9) a. (yoaro ko'tawa'aka'aa yoachɥ,) to dieya wa'ikiro bokaa.
to= dié-yá wa'í-kíró boká-a
 3SG.POSS=cachorro-PL animal-SG achar-ASSERT.PERF
 ‘(Enquanto (o homem com os filhos) ia cada vez mais longe), seus cachorros encontraram um animal.’

- b. ɲɲɲɲwa'aka'a tina
 ~ɲɲɲɲ-wa'a-ka'a-a tí--da
 seguir-ir-em.mov ANAF-PL
 ‘Eles foram atrás (do animal).’

É interessante notar que outros contextos também fornecem evidência de que a margem esquerda da oração figura como lugar de foco *default* em Kotiria. Vejamos o caso de (10) e (11), frases criadas por falantes de Kotiria para integrar verbetes de itens lexicais no dicionário. Estas frases não são inseridas em sequências maiores de discurso, no qual artifícios como a realização nula poderiam funcionar para deixar outros constituintes na posição *default* de foco. O padrão recorrente em frases deste tipo é de deslocamento explícito do item lexical do verbete à margem esquerda, onde recebe foco *default*, tendo este função de argumento S (o caso mais frequente), O, como em (10), ou outro papel, como o locativo em (11). Notamos que em ambos os exemplos os Ss, lexical em (10) e pronominal em (11), ocorrem na posição pós-verbal.

- (10) Do verbete para ‘unha do pé’

da'posero ñimiore numino.
da'pó-sé-ró ~yibí-ó-ré ~dubí--ro
 unha.do.pé-enfileirado-SG pintar-CAUS-VIS.PERF.2/3 mulher-SG
 ‘A mulher pintou a unha do pé.’

- (11) Do verbete para ‘ombro’

khotapariai wɲare yɲkɲkɲre tiro.
 ~khobápáriá-í wúá-re yúkú-kɲ-re tí-ró
 ombro-LOC carregar-VIS.PERF.2/3 árvore-CLS:cilíndrico-OBJ ANAF-SG
 ‘Ele carregou o tronco no ombro.’

4.2 AINDA OBSERVANDO AS MARGENS: CONSTRUÇÕES ‘COMPLEXAS’ DE FOCO

Nas seções acima vimos que a ordem exerce um papel importante na organização da estrutura de informação bem como na construção de saliência. Acabamos de observar que uma das operações mais frequentes de mediação do *status* relativo de participantes e eventos no discurso é a manipulação do ocupante da posição inicial à margem esquerda, lugar de foco *default* na oração. Este, no entanto, não é o único recurso do ‘efeito foco’ que envolve as margens da oração em Kotiria. Veremos agora duas construções de foco que rotulamos de construções ‘complexas’, não só por serem mais marcadas, mas por envolver, além de operações de deslocamento, meios ‘parceiros’ como elementos prosódicos e marcadores morfológicos, e.g. o sufixo de ‘contraste’ *-se’e*.

A primeira construção complexa que veremos produz o que podemos chamar de foco ‘enfático’ — muitas vezes assinalando um contraste — com algumas variantes que podem ser vistas em (12) e (13). Neste tipo de construção complexa, a oração sempre se inicia com um constituinte SN lexical, normalmente seguida por uma pausa. Na sequência, o mesmo argumento pode ser retomado em forma pronominal, como vemos em (12a). Outra variante desta construção que atribui foco enfático/contrastivo envolve uso do sufixo *-se’e* no SN lexical, usado para resolver possíveis casos de ambiguidade de referência, como em (12b) ou para assinalar sobreposição ou desvios do fluxo de eventos (discutidos em maior detalhe em Stenzel no prelo). Ambos os recursos (de deslocamento e de emprego do sufixo *-se’e*) ainda podem ser combinados, como em (13), no qual o SN em foco ‘cachorro’ (tendo papel de O do verbo ‘morder’ na oração matriz, como o uso do sufixo *-re* deixa claro) é marcado com *-se’e* e ainda modificado por um relativa ‘o que corria atravessando’ antes da pausa, depois ocorre de novo em forma pronominal na oração matriz. Chamamos atenção ao fato de que tendo ou não o sufixo *-se’e*, a construção de foco enfático/contrastivo tem como *locus* a margem esquerda da oração em Kotiria¹⁴.

(12) a. *numia, tina chware yoara.*

~dubí-a tí-~da chû-a-re yoá-ra
mulher-PL ANAF-PL comer-PL-OBJ fazer-VIS.IMPERF.2/3
‘Mulheres (Kotiria), elas fazem a comida.’

¹⁴ Tal constatação constitui contra-evidência à conclusão de Aikhenvald (2010: 28, com ênfase nossa) de que, em línguas Tukano, “constituintes topicais tendem a ocorrer na periferia esquerda, enquanto constituintes com foco contrastivo ocorrem em posição de *final* de sentença.” Estabelecer detalhes das distinções categoriais nos ajuda a entender que tópico e foco contrastivo não são noções mutuamente exclusivas, podendo coincidir na posição inicial sobre um único constituinte.

b. *tina m̄ase'e, yo'gaa wa'ara.*

tí-~da ~bú-a-se'e yo'gá-a wa'á-ra
ANAF-PL homem-PL-CONTR pescar-(3)PL ir-VIS.IMPERF.2/3
'Os homens (em contraste, por sua vez), vão pescar.' [1.7-8]

(13) *dierose'e m̄m̄phã'arirore ñaro tirore bahkaña.*

dié-ró-sé'é ~bubú-~pha'a-ri-ro-re
cachorro-SG-CONTR correr-MOV.através-NOM-SG-OBJ

~yá-ro tí-ró-ré baká-~yá-á
ser.ruim-SG ANAF-SG-OBJ morder-ser.ruim-ASSERT.PERF

'O cachorro que corria atravessando (um pau caído), a cobra má o mordeu feio.' [6.21]

A segunda construção complexa produz o que podemos chamar de foco de 'esclarecimento' (*clarification/afterthought construction*). Como a construção de foco enfático, a construção de esclarecimento lança mão de recursos de deslocamento e de prosódia, e ainda faz uso de forma de expressão do constituinte. O deslocamento no caso de esclarecimento é para a margem direita, e o SN deslocado ocorre em forma lexical. Vimos na seção 3.4 que a posição final de oração normalmente é de saliência prosódia fraca, evidenciado por processos como abaixamento tonal que marcam o final de uma frase fonológica. Na construção de esclarecimento, no entanto, o SN deslocado funciona como um 'anexo' sem perda de saliência, que empurra a fronteira a frase fonológica.

Vemos exemplos da construção de esclarecimento em (14) e (15). As frases em (14) são de um momento mais avançado da narrativa sobre o diabinho que grudou na mulher (visto em (4) acima). Neste momento da narrativa, o marido da mulher chega ao local onde ela fora vista pela última vez, e a construção de foco de esclarecimento funciona para enfatizar a angústia do homem ao procurar, mas não encontrá-la. Já a frase com a mesma construção de esclarecimento em (15) ocorre um pouco depois da sequência em (8) acima, no momento em que o caçador explica aos filhos o que aconteceu com o cachorro.

(14) a. *wi'i tiro mahkamaa, to namono.*

wi'i tí-ró ~baká-~ba-a to-~dabó-ro-re
chegar ANAF-SG procurar-FRUS-ASSERT.PERF 3SG.POSS=esposa-SG-OBJ
'Chegando (lá), ele procurou (sem sucesso), por sua esposa.'

b. *ne maniaa, to namono.*

~dé ~badía-a to-~dabó-ro
NEG não.existir-ASSERT.PERF 3SG.POSS=esposa-SG
'Não estava, sua esposa.' [4.55-56]

- (15) *yoatap# wãhanokari hira, mari dierore.*
yoá=ta-p# ~wahá--doka-ri hí-ra
 fazer=REF-LOC matar-COMPL-NOM(INFER) COP-VIS.IMPERF.2/3
- ~bari=dié-ró-ré*
 1PL.INC.POSS=cachorro-SG-OBJ
 ‘Acabou de ser morto, nosso cachorro.’ [6.25]

5. OBSERVAÇÕES FINAIS E PERGUNTAS PARA FUTURA INVESTIGAÇÃO

Este artigo ofereceu uma análise inicial de alguns dos componentes principais ligadas à estrutura de informação em Kotiria. Longe de esgotar o assunto, elegemos enfocar o mecanismo de ‘ordem de palavras’ e alguns dos seus ‘parceiros’ mais comuns, procurando cercar as funções de ordenamento de constituintes, tanto no nível de sentenças individuais quanto em sequências de sentenças que formam episódios em discurso narrativo. Vimos que há variação sistemática entre ordens S(O)V e (O)VS em Kotiria e em outras línguas da família Tukano, e investigamos a interface entre estas ordens alternativas e funções sintáticas e pragmáticas. Ao considerar o nível da oração, concluímos que ordem exerce papel importante na interpretação sintática de argumentos O, enquanto para argumentos S, ordem, junto com o tipo de realização do S (lexical, pronominal ou nula), tem papel fundamentalmente pragmático, refletindo o *status* do S como informação presumida ou não-presumida. Tais distinções pragmáticas, já refletidas em argumentos S no nível da sentença, interagem com noções de tópico e foco na esfera discursiva maior, contribuindo para as tarefas interligadas de identificação de referentes (*reference-tracking*) e de manuseio de saliência.

Para interpretar aspectos mais abrangentes dos dados de discurso Kotiria, foi importante estabelecer uma distinção entre ‘tópico de sentença’ (como categoria local da oração) e ‘tópico de discurso’, que perpassa trechos contínuos maiores. Foi também fundamental observar a importância das margens da oração como *loci* de operações diversas de foco. Mesmo reconhecendo que ainda há parceiros não discutidos (e.g. morfológicos e de ‘encadeamento’ envolvendo subordinação) que contribuem para criar o ‘efeito foco’ em Kotiria, ressaltamos a importância de operações que envolvem ordem e processos de deslocamento. Demonstramos que a margem esquerda da oração é a posição

de foco *default*, e que operações como deslocamento de Ss pronominais (em função de seu *status* de informação) à posição final, ou realização de argumentos nulos — S com muita frequência, mas por vezes também Os — são mecanismos ‘simples’ que acabam por ceder a posição de saliência a outros constituintes, até ao evento verbal em si. Vimos também duas construções de foco mais ‘complexas’ (por envolverem deslocamento, sinais prosódicos, marcação morfológica e manipulação de forma de realização): a de foco ‘enfático/contrastivo’, operando à margem esquerda, e a de foco de ‘esclarecimento’, operando à margem direita.

O Quadro 1 resume os pontos principais e constatações da análise apresentada, assinalando o elo forte da relação OV e as noções e processos observados nas margens esquerda e direita deste núcleo em orações simples.

		Margem Esq (inicial)		Margem Dir (final)
FUNÇÃO DISCURSIVA: <i>reference tracking</i>	STATUS DA INFORMAÇÃO	não-presumida; nova ou re-introduzida	O V	presumida; conhecida
	TÓPICO	da sentença, local		do discurso, de elo contínuo
	FORMA DE REALIZAÇÃO DO PARTICIPANTE S	lexical ou pronominal		pronominal (forma foneticamente completa ou reduzida), com traços prosódicos (e.g. tom) diminuídos
FUNÇÃO DISCURSIVA: manuseio de saliência	CONSTRUÇÃO ‘simples’	posição <i>default</i> (margem esquerda) que pode ser ocupado por: S (mais comum) O (com S deslocado ou nulo) V (‘eventivo’, com S/(O) deslocados ou nulos)		
	CONSTRUÇÕES ‘complexas’	construções de foco ‘enfático/contrastivo’: forma lexical com pausa e (-se’e) e/ou (pronome resumptivo) opcionais	O V	construção de ‘esclarecimento’: forma lexical com (pausa) opcional e realização prosódica plena

Quadro 1. Mecanismos de estrutura de informação envolvendo ordem em orações simples de Kotiria

Para finalizar, ressaltamos a natureza preliminar e parcial do presente estudo, que necessitará de complementação e aprofundamento em análises futuras. Entre pontos ainda a receber nossa atenção destacamos: i) investigação mais detalhado das interfaces entre o nível prosódico e mecanismos lineares como mudanças de ordem e uso de marcadores

morfológicas; ii) análise que integra os mecanismos discursivos de subordinação e marcação de *switch-reference* em sentenças complexas, já iniciada em Stenzel (no prelo), bem como outros marcadores discursivos de ligação entre sentenças e parágrafos do discurso (construções de *linking* de vários tipos, que atravessam o discurso oral); e iii) estudo comparativo da organização da estrutura de informação em outros tipos de discurso, acima de tudo, em conversações e interações do cotidiano, práticas discursivas ainda pouco conhecidas, como assinalamos na seção 2. A investigação de fenômenos pragmáticos em línguas indígenas, ainda na sua infância, promete grandes retornos e *insights* significativos para a nossa compreensão desta esfera fascinante da linguagem natural humana.

Abreviaturas

1/2/3	1 ^a /2 ^a /3 ^a pessoa	IMPERF	imperfectivo
ANAF	anafórico	INC	inclusivo
ASSERT	asserção (cat. evidencial)	LOC	locativo
AUMEN	aumentativo	MASC	masculino
CLS	classificador	MOV	movimento
COM	comitativo	NOM	nominalizador
CONTR	contrastivo	OBJ	objeto
COP	cópula	PERF	perfectivo
DEIC	deítico	PL	plural
DIM	diminutivo	POSS	possessivo
DIST	distância	PROG	progressivo
DUB	dubitativo	PROX	próximo
EMPAT	empatia	REF	referencial
EXC	exclusivo	SG	singular
FEM	feminino	VIS	visual (cat. evidencial)
FRUST	frustrativo		

REFERÊNCIAS

1. AIKHENVALD, Alexandra Y. Language contact and pragmatic notions: Tariana in its multilingual context. In: AIKHENVALD, Alexandra Y. *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas*, 17-38. Berlin: Mouton, 2010.
2. BARNES, Janet. Tucano. In: DIXON Robert. M. W.; AIKHENVALD Alexandra Y. *The Amazonian Languages*, 207–226. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

3. BARNES, Janet. Tucanoan Languages. In BROWN, Keith. *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd ed. Vol. 13, 130–42. Boston: Elsevier, 2006.
4. BOSSONG, Georg. Differential object marking in romance and beyond. In: KIBBEE, D.; WANNER D., *New Analyses in Romance Linguistics*, 143-170. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 1991.
5. BÜRING, Daniel. Towards a typology of focus realization. In: ZIMMERMANN, Malte; FÉRY Caroline. *Information Structure. Theoretical, Typological, and Experimental Perspectives*, 177-205. Oxford: Oxford University Press. 2010.
6. CAMACHO, José; GUTIERREZ-BRAVO, Rodrigo; SÁNCHEZ, Liliana. Introduction. In: CAMACHO, José; GUTIERREZ-BRAVO, Rodrigo; SÁNCHEZ, Liliana. *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas: Syntactic Approaches*, 1-16. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2010.
7. CAMPBELL, Lyle. Typological characteristics of South American indigenous languages. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica. *The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide*, 259-330. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012.
8. COMRIE, Bernard. *Language Universals & Linguistic Typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
9. DERBYSHIRE, Desmond C. A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages. *Journal of Linguistics* 17: 209-220, 1981.
10. DERBYSHIRE, Desmond C. *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Dallas: Summer Institute of Linguistics; [Arlington]: University of Texas at Arlington, 1985.
11. DRYER, Mathew S. Word Order. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description, Vol 1.*, 61-114. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
12. DRYER, Mathew S. Order of Object and Verb. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin. *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. (<http://wals.info/chapter/83>, acessado em 2015-09-23.)
13. FERGUSON, Judith; HOLLINGER Cari; CRISWELL Linda; MORSE Nancy L. El Cubeo. In: GONZÁLEZ DE PÉREZ, María Stella; RODRÍGUEZ DE MONTES, María Luisa, *Lenguas indígenas de Colombia: Una visión descriptiva*, 357–70. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2000.
14. GOMEZ-IMBERT, Elsa. *Morphologie et phonologie barasana: approche non-linéaire*. Dissertação de Doutorado, Université Paris 8, 1997.

15. GOMEZ-IMBERT, Elsa. La famille tukano. In: BONVINI, Emilio; BUSUTTIL Joëlle; PEYRAUBE Alain, *Dictionnaire des langues*, 1454–60. Paris: Presses Universitaires de France. 2011.
16. GOMEZ-IMBERT, Elsa.; HUGH-JONES, Stephen. Introducción al estudio de las lenguas del Piraparaná (Vaupés). In: GONZÁLEZ DE PÉREZ, María Stella; RODRÍGUEZ DE MONTES, María Luisa, *Lenguas indígenas de Colombia: Una visión descriptiva*, 321-356. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo. 2000.
17. LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form. Topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
18. LONGACRE, Robert E. Switch Reference Systems from Two Distinct Linguistic Areas: Wajokeso (Papua New Guinea) and Guanano (Northern South America). In: HAIMAN, John; MUNRO, Pamela, *Switch-Reference and Universal Grammar*, 185–207. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 1983.
19. MATIĆ, Dejan; WEDGWOOD, Daniel. The meanings of focus: The significance of an interpretation-based category in cross-linguistic analysis. *Journal of Linguistics* 49(1): 127-163, 2013.
20. MICHAEL, Lev; CHACON, Thiago. The evolution of subject-verb indexing in the Tukanoan family. Trabalho apresentado no Workshop on Diachronic Morphosyntax in South American Languages. Lyon, France. May 28-30, 2015.
21. STENZEL, Kristine. As categorias de evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental). *LIAMES* 7: 7-28, 2006.
22. STENZEL, Kristine. Kotiria “Differential Object Marking” in Cross-Linguistic Perspective. *Amerindia* 32: 153–81, 2008a.
23. STENZEL, Kristine. Evidentials and clause modality in Wanano. *Studies in Language* 32: 405-445, 2008b.
24. STENZEL, Kristine. *A Reference Grammar of Kotiria*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.
25. STENZEL, Kristine. Estrutura argumental em duas línguas da família Tukano Oriental: Kotiria (Wanano) e Wa’ikhana (Piratapuyo). In: STORTO, Luciana; FRANCHETTO, Bruna; LIMA, Suzi. *Sintaxe e Semântica do Verbo em Línguas Indígenas do Brasil*, 131-165. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

26. STENZEL, Kristine. More on Switch-reference in Kotiria (Wanano, East Tukano). In: VAN GIJN, Rik; HAMMOND, Jeremy. *Switch-Reference 2.0*. Typological Studies in Language (TSL). Amsterdam: John Benjamins. No prelo.
27. THOMPSON, Sandra. A.; LONGACRE Robert E.; HWANG, Shin Ja A. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description. Vol. II Complex constructions*, 237-300. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
28. ZUÑIGA, Fernando. The discourse-syntax interface in northwestern Amazonia. Differential object marking in Makú and some Tucanoan languages. In: WETZELS, Leo W., *Language Endangerment and Endangered Languages: Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area*, 209-227. Leiden: Publications of the Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), University of Leiden, 2007.

Abstract: This article investigates patterns word order variation in Kotiria (Wanano) an East Tukano language of northwestern Amazonia, showing variation to reflect interacting grammatical and pragmatic functions at the sentence and discourse levels. It demonstrates that in sentences, positioning of Subject arguments, coupled with their lexical or pronominal realization, codes information structure distinctions of status as presumed/non-presumed information, thus functioning as a major reference-tracking mechanism. Conversely, the more strictly fixed positioning of Objects in immediately pre-verbal position, alongside patterns of Differential Object Marking (DOM) indicates that the more tightly bound OV unit contributes to the syntactic interpretation of O constituents. Moving to the discourse level, it investigates order phenomena in light of the notions of topic and focus, which contribute to both reference-tracking and organization of salience throughout stretches of discourse. It shows that in Kotiria, order and lexical/pronominal/null realization reflect a distinction between sentence topics and discourse topics. Focus is analyzed not as a grammatical category *per se*, but as an interpretive ‘effect’ that functions to attribute salience to a Subject, Object, Verbal event or any other discourse prominent element. The left margin of the Kotiria clause is shown to be the default *locus* of focus, and simple shifts in word order are a common means for manipulating constituents into this position. Kotiria also has two constructions for more marked ‘emphatic/contrastive’ and ‘clarification’ focus. These are produced by complex interaction of devices including use of morphological markers, prosodic cues, and shifts to the left or right margins of the clause.

Keywords: Word order; Topic; Focus constructions; East Tukano languages; Kotiria (Wanano)